

PAULO, SUA TEOLOGIA E SEU EVANGELHO

Elio Passeto

Religioso de Nossa Senhora de Sion; recebeu sua formação em judaísmo pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Diretor do Institut Saint-Pierre de Sion – Ratisbonne, Jerusalém - Israel. Publica artigos em diferentes revistas, especialmente, na revista *El Olivo*, em que é membro do Conselho de Redação. Dá cursos em diferentes países sobre a relação entre o Judaísmo e o Cristianismo. É diretor e ministra cursos em diferentes línguas sobre o estudo-experiência da Palavra de Deus, em contato como o povo da Bíblia, na Terra que a viu nascer. E-mail: eliop@netvision.net.il

RESUMO

Paulo representa o personagem central no cenário do período do Novo Testamento, seja pelos seus escritos que inauguram a literatura do Novo Testamento, bem como na elaboração da Cristologia. Para Paulo o povo Judeu e as Nações são dois polos distintos de uma única realidade. A salvação universal de que Israel é o depositário, tornou-se, através de Jesus como o Messias, acessível às Nações. Paulo, chamado a ser o Apóstolo dos gentios, se vê como protagonista deste momento da intervenção de Deus na história. Este trabalho quer mostrar que sem levar em conta o contexto religioso judaico do tempo de Paulo, a perspectiva messiânica do judaísmo, a tradição oral que interpretou as aspirações religiosas judaicas, ignorando o aspecto social das comunidades fundadas por Paulo, todos esses elementos ignorados, ou vistos com menos importância, tornam impossível entender Paulo, sua teologia e compromete uma visão justa do Novo Testamento.

Palavras-chave: Paulo, Judaísmo, Nações, Messias, Torá.

ABSTRACT

Paul represents the central personality in the New Testament period scenario, be it for his writings that inaugurate New Testament literature, as well as in the elaboration of Christology. For Paul, the Jewish people and the Nations are two distinct poles of a single reality. For Paul, the Jewish people and the Nations are two distinct poles of a single reality. The universal salvation of which Israel is the depositary, has become, through Jesus as the Messiah, accessible to the Nations. Paul, called to be the Apostle to the Gentiles, sees himself as the protagonist of this moment of God's intervention in history. This work wants to show that without taking into account the Jewish religious context of Paul's time, the messianic perspective of Judaism, the oral tradition that interpreted Jewish religious aspirations, ignoring the social aspect of the communities founded by Paul, all these elements ignored, or viewed with less importance, it makes impossible to understand Paul, his theology and so it eclipses a correct view of the New Testament.

Key-words: Paul, Judaism, Nations. Messiah, Torah.

Nova leitura de Paulo

O objetivo deste estudo é apresentar alguns aspectos de uma nova leitura sobre Paulo. Não se busca com isso explicá-lo completamente e, de forma alguma, queremos dizer que o compreendemos em sua totalidade. No entanto, parece-nos que a tentativa de entender Paulo é salutar, mesmo que parcialmente. Muito foi escrito sobre Paulo e sobre ele, certamente, se continuará escrevendo. De fato, Paulo pode oferecer material abundante para o estudo e a discussão, para concordar e discordar dele.

A atitude muito presente na consciência cristã, ao longo da história, tal como dar menos importância ao Antigo Testamento em relação ao Novo Testamento, a teologia da substituição, na qual a Igreja supostamente toma o lugar de Israel, bem como a ruptura com a Tradição de Israel que é fonte de entendimento das Sagradas Escrituras que põe em perigo o próprio entendimento do plano de salvação de Deus, essas posições se baseiam, fundamentalmente, na ignorância e no mal-entendido dos ensinamentos de Paulo e de sua teologia. A abundante literatura sobre o personagem Paulo e seus escritos mostra que não há outro autor no contexto do Novo Testamento que provoque reação positiva ou negativa, como é o caso de Paulo.

É fato que os grandes temas que a Igreja enfrentou e enfrenta na história, como os argumentos teológicos mais refinados, são apoiados pelos escritos e ensinamentos de Paulo. Numa rápida leitura dos escritos de Paulo, podemos afirmar de uma maneira ou o seu oposto. De fato, qualquer sistema de interpretação aplicado a Paulo se torna insuficiente em face de sua grandeza. Além disso, não há elaboração teológica, que contemple a realidade da fé em Jesus, o homem-judeu e Messias, como se encontra em Paulo.

Quando falamos de Paulo, às vezes, não levamos em conta um dado fundamental: Ele inaugura os textos do Novo Testamento, por suas cartas, no final da década de 40. O arranjo e a quantidade de seus escritos ou os de sua escola dominam a literatura canônica do Novo Testamento. Os Evangelhos ainda não existiam no período da vida de Paulo, pois foram compostos década ou décadas depois. Certamente, durante o período de Paulo começa a transmissão oral dos evangelhos, mas de maneira dispersa. Além de serem os primeiros textos, Paulo elabora a teologia sobre Jesus como o Messias, de

forma sistemática, dentro do contexto judaico. Diferentemente dos evangelhos, que procuram contar a história de Jesus e de seus ensinamentos, os escritos de Paulo refletem a experiência dele ou das comunidades, a partir da fé no Messias esperado. Ademais, Paulo inicia a formação de comunidades fora da Terra de Israel, que marca o movimento estruturado da expansão da fé em Jesus como o Messias esperado do povo judeu em direção às Nações. Não temos outros nomes de apóstolos ou discípulos dos apóstolos, que constituam sistematicamente atividades de anúncio da fé no Messias, na pessoa de Jesus. Paulo representa o personagem central no cenário do período do Novo Testamento, bem como na elaboração da cristologia. Vários trabalhos recentes apontam para a relação-dependência-influência dos escritos de Paulo nos Evangelhos e nos séculos posteriores. Esses estudos recentes nos alertam para o cuidado que devemos ter na compreensão do Novo Testamento.¹ A primazia de Paulo na compreensão do Novo Testamento não é somente uma questão de método mas, sobretudo, como fundamento na elaboração da Teologia.

É importante sublinhar que os escritos de Paulo representam os únicos escritos que refletem a teologia da fé em Jesus como o Messias esperado, contemporânea a existência do Templo. Paulo conviveu com o Templo e o mais importante, ele não conheceu o Templo destruído. Nesse sentido, seus escritos são os únicos que não foram influenciados pela vida religiosa sem o Templo. Paulo, na verdade, não esperava sua destruição e não pensou a realidade religiosa na ausência do Templo. Ao contrário, Paulo vai enfatizar a importância absoluta do Templo. Em várias ocasiões ele vai estender o aspecto sagrado do Templo às pessoas ou às comunidades: “Não sabeis que sois o Templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”² Se alguém destrói o Templo

¹ Cito apenas alguns recentes trabalhos: Zetterholm, *Approaches To Paul: A Student's Guide to Recent Scholarship*; Willitts; J., and Bird, M., eds. *Paul and the Gospels: Christologies, Conflicts, and Convergences*; Pagels, E., *Revelations: Visions, Prophecy, and Politics in the Book of Revelation*; Nanos M.D. and Zetterholm, M., *Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle*; Fredriksen, P., *Paul the Pagans' Apostle*; Gager, J.G., *Who Made Early Christianity. The Jewish Lives of the Apostle Paul*.

² O Templo é o lugar por excelência da visibilidade da presença de Deus (*Shekhinah*). Paulo relaciona essa santidade absoluta do Templo (lugar da presença de Deus) aos seguidores de Jesus como pessoas ‘Santas’ ou fazendo parte dos ‘Santos’, família do povo de Israel, “à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus e chamados para serem santos, com todos os que, em toda parte, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso” (1 Cor 1,2). “Entre vocês não deve haver nem sequer menção de imoralidade sexual como também de nenhuma espécie de impureza e de cobiça; pois essas coisas não são próprias para os santos” (Ef 5,3).

de Deus, Deus o destruirá. Pois o Templo de Deus é Santo, como sois vós” (1 Cor 3,16-17).³ Isso é significativo para compreender os escritos de Paulo.

Paulo estava seguro de viver no final dos tempos e que seria testemunho da manifestação gloriosa de Jesus, não somente ele, mas grande parte das pessoas, que convivia com ele viria o final da história.⁴

Por isso, uma projeção externa da realidade de Paulo, sem levar em conta, o contexto religioso judaico de seu tempo, a perspectiva messiânica do judaísmo, a tradição oral judaica, que interpretou essas aspirações, ignorando o aspecto social das comunidades fundadas por Paulo, todos esses elementos juntos ignorados, ou vistos com menos importância, tornam impossível entender Paulo, sua teologia e compromete uma visão justa do Novo Testamento.

Outro aspecto que deve ser evidenciado é a realidade binária que constitui o ambiente em que Paulo viveu e agiu: o Judaísmo e as Nações. Em seu período de espera messiânica, ele concebe a realização de Israel em detrimento das Nações; contudo, mais tarde, à luz de sua fé em Jesus como o Messias, ele incluirá as Nações como parte do mesmo status de Israel. Por um lado, Paulo o faz, sem destruir a vocação das Nações e, por outro, sem retirar de Israel seu lugar particular dentro do plano de Deus. Essa dupla realidade (Israel e Nações) é permanente na vida de Paulo, mas com perspectivas diferentes entre o período de sua espera no Messias e o momento de sua proclamação de que o Messias veio. Essa forma dupla (Israel e Nações) é o fio condutor da sua teologia.

³ Os textos bíblicos aqui citados são tirados da *Bíblia de Jerusalém*, quando há alterações, são traduções feitas por mim mesmo, a partir do original, hebraico ou grego.

⁴ “Eis o que temos a vos dizer, de acordo com a palavra do Senhor: nós, os vivos, os que ficarmos em vida até a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que tiverem morrido. Pois o Senhor mesmo, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descerá do céu. E então ressuscitarão, em primeiro lugar, os que morreram em Cristo; depois, nós, os vivos, que ainda estivermos em vida, seremos arrebatados, junto com eles, sobre as nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares. E, assim, estaremos sempre com o Senhor. Reconfortai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (1 Tes 4,15-18). “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tes 5,23); “Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelos fins dos tempos” (1 Cor 10,11). “Tanto sabeis em que tempo estamos vivendo: já chegou a hora de acordar, pois a nossa salvação está mais próxima agora do que quando nos tornamos convencidos. A noite avançou e o dia se aproxima” (Rm 13,11).

Paulo, um chamado para as Nações

Para Paulo, o povo judeu permanece uma realidade estável, parte do plano de Deus, ou melhor, o plano de Deus depende da existência e permanência do povo judeu e esse elemento fixo está intrinsecamente relacionado à realidade das Nações, que também é perene. O povo judeu e as Nações são dois polos de uma única realidade. Mas cada um tem sua particularidade específica, mantendo, necessariamente, uma relação de dependência mútua. A relação entre os dois nunca pode significar a aniquilação ou desaparecimento do outro. Paulo sempre vive com essa realidade binária. E para ele uma parte não está em contradição com a outra, nem está em competição, de fato, as duas se complementam entre si.

Portanto, é necessário ter uma compreensão clara do universo religioso de Paulo, a fim de que se entenda seu lugar no cenário inicial de seguidor de Jesus como o Messias esperado por seu povo e por ele mesmo. Paulo não é cristão e ele não se torna cristão. Essa concepção é estranha para o período de Paulo.⁵ De fato, o povo judeu é o único povo que esperava a vinda do Messias e, com o evento de Jesus, um grupo de judeus afirma que Ele é o Messias esperado (Cristo, Ungido).⁶ Esta proclamação que emerge do judaísmo não é uma afirmação simples mas, acima de tudo, é a manifestação da experiência de Jesus ressuscitado. Jesus é o Messias (Cristo, Ungido). É por isso que seus seguidores são os chamados messiânicos, ou seja, os seguidores do Messias (Cristo, Ungido).⁷ Em consequência disso, não é apropriado usar a expressão conversão para Paulo, a menos que conversão signifique voltar-se para Deus, no sentido hebraico de fazer *Teshuvá*: retornar a Deus. O aspecto de fundar ou iniciar uma nova religião era completamente alheia ao mundo judaico, a Paulo e a Jesus. Paulo não deixa uma religião e muda para outra, mas permanece judeu até o fim de sua vida. Em sua busca para entender a Palavra de Deus com seu povo, ele espera a manifestação do Messias. Em

⁵ “É aí que todos devem começar a tentar entender o fenômeno paulino. Paulo não se considerava um convertido de uma religião para outra. Essa interpretação é anacrônica e estranha à percepção de Paulo” (STENDAHL, 1995, p. 2).

⁶ A espera messiânica é essencialmente judia. Somente o povo judeu esperava o Messias, e não o mundo pagão. Como também está claro que proclamar Jesus como o Messias é uma afirmação judaica. Como afirma Boyarin: "No período de Jesus, todos os que seguiram Jesus, e mesmo aqueles que criam que Ele era Deus, eram judeus" (BOYARIN, 2012, p. 14).

⁷ Portanto, os seguidores de Jesus são chamados messiânicos a partir do hebraico (Messias) ou cristãos a partir do grego (Cristo) que corresponde a Ungido em português.

um certo momento, Paulo faz a experiência de Jesus morto e ressuscitado, e isso o leva à fé de que esse Jesus é o Messias esperado.

Vejamos os textos que informam esse momento, interpretá-los também é importante para entender os ensinamentos de Paulo:

Estando em viagem, já perto de Damasco, de repente uma luz celeste o ofuscou. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia⁸: ‘Saul, Saul, por que me persegues?’ respondeu: ‘Quem es, Senhor?’. Disse-lhe: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Agora levanta-te, entra na cidade, e aí te dirão o que deves fazer’. Os acompanhantes se detiveram mudos, pois ouviam a voz e não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão e, ao abrir os olhos, não enxergava. Tomando-o pela mão, fizeram-no entrar em Damasco, onde esteve três dias, cego, sem comer nem beber. Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Numa visão o Senhor lhe disse: ‘Ananias!’ Respondeu: ‘estou aqui, Senhor!’. E o Senhor a ele: ‘dirige-te à rua Principal e procura em casa de Judas um certo Saulo de Tarso: o encontrarás orando’. Numa visão, Saulo contemplava certo Ananias que entrava e lhe impunha as mãos para que recuperasse a visão. Ananias respondeu: ‘Senhor, ouvi muitos falar desse homem e contar todo o mal que fez aos consagrados de Jerusalém. Agora está autorizado pelos sumos sacerdotes para prender os que invocam teu nome’. O senhor lhe respondeu: ‘vai, pois ele é meu instrumento escolhido para difundir meu nome entre pagãos, reis e israelitas’. (Atos 9,3-15)

Ele me disse: O Deus de nossos pais te destinou a conhecer seu desígnio, a ver o Justo e a escutar diariamente sua voz; pois serás, diante de todo o mundo, testemunha do que viste e ouviste ..., Ele me disse: ‘Vai, pois eu te envio a povos distantes’. (Atos 22,14-15.21)

Perguntei: ‘Quem é você, Senhor?’ E o Senhor respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu está persegues. Fica de pé, pois para isto te apareci, para nomear-te servidor e testemunha do que vistes e do que farei ver. Eu te defenderei do teu povo e dos pagãos aos quais eu te envio’. (Atos 26,15-17)

⁸ A mesma ideia é encontrada nas Escrituras. Ezequiel 1,28: “O brilho era semelhante ao do arco-íris quando aparece nas nuvens em um dia chuvoso. Esse era o aspecto da glória do Senhor. Nessa visão, caí com a face por terra e ouvi uma voz falar comigo”.

Lucas, no final do primeiro século, descreve esse evento a partir da perspectiva da Igreja em expansão que coexistia com o Império Romano e já estava, de fato, em Roma. Este relato que é repetido três vezes em Atos segue o mesmo cenário: Paulo descobre sua fé em Jesus como o Messias e será enviado aos gentios. Praticamente, todo o evento anterior é justificar o envio aos gentios. E a orientação para ir em missão às Nações não indica abandonar seu lugar, ao contrário, é sua realidade que o envia. No entanto, para enfatizar sua importância, Lucas dramatiza o relacionamento de Paulo com os gentios. De fato, a centralidade de Paulo são os gentios ou as nações.⁹ Lucas deixa claro que, a princípio, Paulo tinha os gentios como uma realidade perturbadora para a vida judaica e ele, como judeu, não podia aceitar essa prática na comunidade judaica. Segundo Paulo, os não judeus que viviam no contexto da sinagoga constituíam uma realidade diferente; portanto, essa diferença de identidade de fé com o povo judeu deveria ser mantida. Paulo é contra a assimilação. Mas, por uma questão de lógica, parece correto e metodologicamente necessário ler, antes de tudo, como ele mesmo descreve sua descoberta de Jesus como o Cristo (Messias). Os escritos de Lucas seguem uma lógica da história que evoluiu após Paulo, e o relato do texto reflete, conseqüentemente, uma interpretação feita de acordo com seu tempo. Paulo, por sua vez, quando relata sua experiência de fé, está consciente do que foi transmitido até então e este relatório de primeira mão nos ensina como ele entendeu sua experiência:

Pois eu não o recebi nem aprendi de um homem, mas Jesus Cristo o revelou a mim. Ouvistes falar de mim precedente conduta no judaísmo: eu perseguia violentamente a igreja de Deus, tentando destruí-la; no judaísmo eu superar todos os meus patrícios de minha geração, em meu fervoroso zelo pelas tradições de meus antepassados. Mas, quando Aquele que me separou ainda no ventre materno e me chamou por puro favor, teve por bem revelar-me seu Filho, para que eu o anunciasse aos (εθνεσιν) pagãos. (Gal 1,12-16)

Paulo conta sua história de maneira concisa, sem dramatização e também sem detalhes. Percebemos que, na maneira como Paulo descreve sua descoberta da fé no

⁹ Chamo a atenção para o fato de que em grego há somente uma expressão, ἔθνη (*Ethné*) para definir Pagãos e Gentios. Ver também nota 12.

Messias, se diferencia da descrição de Lucas, a estrada de Damasco não está presente. De fato, ele entende sua vocação em uma perspectiva bíblica, profética. Assim como a vocação de Israel é ser luz para as Nações assumida pelos profetas Isaías e Jeremias, da mesma forma Paulo se associa à mesma vocação:¹⁰ Ele foi chamado, como os profetas, à missão específica aos gentios: “Mas, quando Aquele que me separou ainda no ventre materno e me chamou por puro favor, teve por bem revelar-me seu Filho, para que eu o anunciasse aos (εθνεσιν) pagãos” (v. 15-16). Paulo define, dessa forma, sua missão como a missão de Israel ou dos Profetas, Isaías e Jeremias. A salvação universal de que Israel é o depositário, agora, através de Jesus como o Messias, tornou-se acessível às Nações. É, portanto, o momento da plenitude da vocação de Israel. Paulo se vê como protagonista deste momento da intervenção de Deus na história, através da encarnação, passando pelo povo de Israel, em vista do universal. A era messiânica começou. Jesus, o Messias esperado do povo de Israel, torna as promessas de Israel acessíveis a todas as nações.

Portanto, diferentemente da apresentação de Lucas sobre o chamado de Paulo, em Atos, Paulo se vê pessoalmente na perspectiva judaica e se associa aos grandes profetas. O chamado de Deus para ele não acontece de maneira espetacular: “Mas, quando Aquele que me separou ainda no ventre materno e me chamou por puro favor, teve por bem revelar-me seu Filho, para que eu o anunciasse aos (εθνεσιν) pagãos...” Paulo, portanto, entende sua fé no Messias como um envio pessoal e exclusivo às Nações. Esta é a vocação de Israel e esta é a sua vocação. Nisso está a fonte da elaboração da teologia de Paulo.

Como deveria ser o comportamento judaico com a vinda do Messias e qual seria o lugar das Nações com a presença dele? Como esses dois elementos funcionariam simultaneamente na história? Essas são as perguntas que orientam a teologia de Paulo

¹⁰ Paulo entende e descreve sua vocação como um chamado de Deus do ventre de sua mãe: “Mas quando Deus, que me separou do ventre de minha mãe e me chamou por sua graça, teve por bem revelar-me seu Filho, para que eu o anunciasse aos pagãos ...”. De fato, Paulo cita a mesma frase de Isaías e Jeremias para definir sua vocação: Isaías 49,1.5-6: “Ouça-me, todos os habitantes de terras distantes: O Senhor me chamou antes do meu nascimento, do ventre de minha mãe ele me chamou pelo meu nome ... O Senhor me formou no ventre de minha mãe para servi-lo, foi ele quem ordenou que eu restaurasse seu povo para ele Israel e aquele que me deu forças para realizar esta tarefa e me honrou por realizá-la. O Senhor me disse: “Chamei você para fazer um trabalho maior do que restaurar Israel e trazer de volta os sobreviventes do meu povo. Eu te farei uma luz para as nações do mundo, para que você também traga a minha salvação a elas!”. Jeremias 1,4-5: “O Senhor me disse: ‘Antes de você ser formado no ventre, eu te conheci, e antes de você sair do ventre, eu o separei, eu te constituí profeta para os gentios’”.

no contexto do início do movimento dos seguidores de Jesus. Ao mesmo tempo, Paulo se distingue no contexto dos seguidores de Jesus e em relação aos outros apóstolos. E segundo o que aprendemos sobre os seguidores imediatos de Jesus, Paulo se mostra o mais adequado para enfrentar essas questões cruciais na perspectiva judaica.¹¹ O judaísmo do seu tempo não tinha resposta para essas perguntas e, de fato, até hoje, não há resposta.

Paulo constrói sua teologia a partir dos dois polos: o povo de Israel e as Nações.¹² Por sua vez, Paulo não elimina nenhum deles, os dois estão completos no plano de Deus; os dois são necessários um para o outro. Paulo não diminui a importância de Israel, por outro lado, ele atribui uma equivalência de valores às Nações. Israel mantém sua primazia e as Nações recebem o mesmo status que Israel, mas cada um permanece em seu lugar.

Paulo no interior do Judaísmo

Nos últimos anos, grandes saltos foram dados no entendimento sobre Paulo.¹³ Os precursores desta escola são pessoas que primeiro procuraram conhecer o judaísmo religioso da época de Paulo e foram ajudados pela tradição viva de Israel até os dias de hoje para entender melhor a interpretação e a oralidade religiosa do período em que Paulo viveu.¹⁴ Eles partem do princípio muito evidente de que Paulo não é cristão, como

¹¹ Ninguém contesta a capacidade de Paulo de dominar sua tradição religiosa e, ao mesmo tempo, sua capacidade de viver com a complexidade do povo judeu de sua época: "Educado em Jerusalém e instruído aos pés de Gamaliel, exatamente observância da lei de nossos pais ..." (Atos 22,3).

¹² John G. Gager afirma que "Paulo conhece apenas duas categorias de seres humanos: judeus (ele também usa Israel) e gentios *ta ethné*, (ele também fala de grego). Importar a categoria cristã é violar sua palavra-pensamento e impor um conceito estranho" (GAGER, 2000, p. 24). Nesse contexto, cito um trabalho muito interessante realizado por dois professores da Universidade de Tel Aviv, na qual eles desenvolvem a tese de que Paulo unificou todas as nações sob a expressão *Goy* que, na tradição judaica até então, podia ser entendida como povos e, em alguns casos, até Israel era considerado *Goy*. No entanto, Paulo conceberá ambas as realidades como um método teológico: o povo de Israel e os *Goy*. Segundo os autores, a literatura rabínica usará essa concepção unificadora de *Goy*, criada por Paulo, para abordar os não-judeus (ROSEN; OPHIR, 2015, p. 1-41).

¹³ "Um número pequeno, mas crescente, de acadêmicos reconhece a viabilidade histórica da leitura de "Paulo dentro do judaísmo", e começamos a pesquisar e comunicar essa perspectiva, perspectivas realmente, sob esse apelido descritivo. Não sem relevância, muitos dos acadêmicos na vanguarda desse movimento são escandinavos" (NANOS, 2019, p. 274-275).

¹⁴ Menciono aqui apenas alguns autores e alguns de seus trabalhos que contribuíram muito e criaram uma real escola para uma nova leitura sobre Paulo: Schoeps, H. J., *Paul. The Theology of the Apostle in the Light of Jewish Religious History*; Stendhal, K., *Paul Among Jews and Gentiles*; Barret, C.K., *Essays on Paul*; Gaston, L., *Paul and the Torah*; Tomson, P.J., *Paul and the Jewish Law: Halakha in the Letters of the Apostle to the Gentiles*; Segal, A.F., *Paul the Convert: the Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*; Stowers, S.K., *A Rereading of Romans. Justice, Jews, and Gentiles*; Stendahl, K., *Final Account - Paul's Letter to the Romans*; Boyarin, E.P., *A Radical Jew, Paul and the Politics*

comumente podemos imaginar, mas que ele é judeu e permanece judeu.¹⁵ Em sua carta aos Gálatas, Paulo afirma sua mudança de comportamento no judaísmo. Ele fala do comportamento antigo em que ele superou seu grupo dentro do judaísmo em termos de extremismo na proteção da tradição dos ancestrais. E isso nos ensina que ele interrompe esse comportamento e começa a viver de maneira diferente dentro do judaísmo. Paulo não abandona o judaísmo, mas deixa um modo de viver o judaísmo (à moda antiga) e continua a viver seu judaísmo, mas de uma maneira diferente.¹⁶ De maneira muito leviana, a tradição cristã concluiu que Paulo abandonou o judaísmo. Nenhuma interpretação séria pode conduzir a essa conclusão; dados objetivos não autorizam tal conclusão, a menos que seja uma visão parcial ou errônea de Paulo.¹⁷ Nos últimos anos, a Igreja, em seus ensinamentos, adotou a posição de situar Paulo no seu contexto, por exemplo, quando disse: "Pessoalmente, Paulo não deixa de se orgulhar de sua origem judaica (Rm 11,1). Ainda assim, ele continua a pensar e raciocinar como um judeu" (PCB, 2001, nº 79). Ou seja, Paulo é um judeu que acredita que o Messias veio. É fato que, durante o período de Paulo, proclamar a fé no Messias só seria possível dentro do judaísmo. Por um lado, é uma questão que pertencia apenas ao judaísmo e, por outro lado, as diferenças internas não constituíam uma ameaça à unidade do judaísmo; pelo contrário, era também uma fonte de enriquecimento, assim como hoje.

of Identity; Dunn, J. D. G., The Theology of Paul the Apostle. Grand Rapids, Paul's Early Period. Chronology, Mission Strategy, Theology; Gager, J.G., Reinventing Paul; Dunn, J. D. G., (ed.) Paul and the Mosaic Law; Hays, R.B., The Conversion of the Imagination: Paul as Interpreter of Israel's Scripture; Eisenbaum, P., Paul was not a Christian. The Original message of a misunderstood Apostle; Sanders, E. P., Jesus, Paul, and the Gospels. Grand Rapids; Paul: The Apostle's Life, Letters, and Thought; Wright, N.T., Paul and his recent interpreters; Thiessen, M., Paul and the Gentile Problem; Gager, J.G., Who Made Early Christianity. The Jewish Lives of the Apostle Paul; Fredricksen, P., Paul the Pagans' Apostle; Fredricksen, P., "How Jewish Is God? Divine Ethnicity in Paul's Theology"; Bensahel, J-F., Affronter le monde nouveau. Épître à Paul et à nos contemporains; Nanos, M.D., "Paul - Why Bother? A Jewish Perspective".

¹⁵ Como indica Pinchas Lapide: "Paulo não se tornou cristão, uma vez que não havia cristãos naquela época" (LAPIDE, 1984, p. 47). Paulo sempre afirma sua identidade judaica em seus escritos e se orgulha desse fato: "Eles são hebreus? Eu também. Eles são israelitas? Eu também. Eles são descendentes de Abraão? Eu também" (2 Cor 11,22); "Aliás, eu poderia até confiar na carne. Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais; circuncidado ao oitavo dia; da raça de Israel; da tribo de Benjamim; Hebreu e filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça da Lei, irrepreensível" (Fl 3,4-6).

¹⁶ "Ouviste certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a igreja de Deus e como progredia no Judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas" (Gl 1,13-14). Sobre este tópico é esclarecedor o trabalho de Nanos, M.D., "A Torah-Observant Paul?: What Difference Could it Make for Christian/Jewish Relations Today?"

¹⁷ Nesse sentido, o ensinamento de Ratzinger segue na mesma direção quando afirma: "Uma concepção reducionista da lei como resultado de uma exegese reducionista da teologia paulina nos impede de ver a alegria de Israel, a alegria de conhecer a vontade de Deus. e, portanto, ser capaz de viver essa vontade" (RATZINGER, 2007, p. 293).

Certamente, Paulo, após sua experiência de fé em Jesus como o Messias, se junta a outro grupo dentro do judaísmo e se distancia do grupo que ele fez parte no passado. Boyarin (2012, p. 1-2) diz:

Jesus, quando veio, veio de uma maneira que muitos judeus estavam esperando: a segunda figura divina encarnada no humano. A questão, não é, o Messias divino está chegando? Mas apenas: este filho do carpinteiro de Nazaré é o que estamos esperando? Não é surpreendente que muitos judeus disseram que sim e muitos disseram não. Hoje chamamos o primeiro grupo de cristãos e o segundo de judeus, mas naquela época a realidade era completamente diferente

Em outras palavras, um judeu podia acreditar que o Messias não veio e outro judeu poderia acreditar que o Messias veio, e ambos seguem sendo judeus. É possível mesmo a divergência no modelo de Messias que se acredita ou que modelo se esperava.¹⁸ Essas divergências evidenciadas, e possivelmente outras, constituem a identidade judaica. Além disso, Paulo deve ser visto e compreendido no evento da vinda do Messias e como alguém que viveu em uma realidade rica e muito complexa do ponto de vista religioso. Por um lado, ele fundou comunidades compostas por gentios, como ele próprio define sua missão que é específica para gentios e lidou com os problemas concretos das comunidades, por outro lado, seu ensino é baseado na fé no Messias esperado e proclamado pelos os judeus e dentro desse contexto emerge a sua teologia.

A proclamação da vinda do Messias preenche a vocação de Israel e a luz chega às Nações que, conseqüentemente, têm acesso às promessas reservadas até então a Israel. Quando Paulo ensina que as diferenças acabaram, ele não nega ou elimina o estado atual das coisas.¹⁹ Paulo continuou a viver com a existência do grego, do escravo, do homem e da mulher. Essas realidades existenciais não desapareceram, da mesma

¹⁸ Um exemplo típico de divergência pode-se ver como Pedro reage quando Jesus apresenta seu modelo de Messias: "A partir dessa época, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia. Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Deus não o permita, Senhor! Isso jamais te acontecerá! Ele, porém, voltando-se para Pedro, disse: Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra, de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!" (Mt 16,21-23). O relato mostra que Jesus se apresenta com um modelo de Messias diferente do que Pedro entendia como deveria ser o Messias.

¹⁹ Por exemplo: "Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, mas todos são um em Cristo Jesus" (Gl 3,28).

maneira que o judeu continuou a existir. Portanto, não há supressão de um em relação ao outro. O que Paulo está ensinando é que a particularidade de Israel, através da vinda do Messias, Jesus-homem-judeu, estende-se ao universal. A cidadania dada a Israel pode ser adquirida por todos, através de Jesus. Israel não perde sua cidadania e as Nações a recebem.²⁰ É a mesma ideia quando ele diz que Cristo derrubou o muro que separava os dois, judeus e nações: "Porque Cristo é a nossa paz: dos dois povos ele criou um, derrubando na carne o muro de inimizade que nos separava" (Ef 2,14).

A literatura rabínica que transmite a tradição oral que remonta séculos lança luz sobre essa reflexão de Paulo. De acordo com o Talmud, quando Deus quis dar a Torá à humanidade, Ele se dirigiu às nações do mundo para oferecê-la, mas uma após a outra, conhecendo suas demandas, não aceitaram e, finalmente, Deus ofereceu a Israel que a aceitou.²¹ Isso nos ensina que o dom da Torá a Israel criou uma separação das nações do mundo. Com sua aceitação, Israel se diferenciara de outras nações. Será diferente de outros povos.

Outro comentário faz uma conexão entre o Monte Sinai (סיני), o lugar do dom da Torá a Israel e a palavra ódio (שנאה). Em hebraico há semelhança fonética. A interpretação significa que, quando Israel aceitou a Torá oferecida por Deus no Sinai (סיני), o ódio (שנאה) das Nações em relação a Israel foi estabelecido (cf. Sifrei Devarim, Piska, 343). Essa tradição rabínica ressoa fortemente na reflexão de Paulo. Jesus como a Palavra de Deus, que é revelada às Nações, rompe o muro de separação criado pela recusa das Nações em aceitar a Palavra de Deus e apaga o ódio contra Israel, porque todas as Nações são resgatadas pela morte e ressurreição de Cristo, tornando-as membros da família de Deus.

Portanto, de acordo com Paulo, Jesus como o Messias não fez desaparecer a particularidade de Israel, porque "a glória, as alianças, a lei, o culto (Templo), as promessas, aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é acima de tudo, Deus bendito pelos séculos" (Rm 9,4-5). Isso nos ensina

²⁰ É um tema importante a ser tratado a parte, mas somente para indicar que Paulo concebe às Nações o conceito da adoção através do *pneuma* (espírito) e a herança que vem de Abraão, não pela carne como Israel, mas pelo espírito. Ver Gl e sua relação de Abraão como Pai de muitos, sem a circuncisão.

²¹ "Então ele pegou o livro da Aliança e o leu perante o povo, e eles responderam: Faremos (נעשה) tudo o que o Senhor disse, e nós (ouviremos) a ele (ונשמע), obedeceremos" (Êx 24, 7). Cf. Shabat 89 a-b.

que a humanidade foi incluída nas promessas de Israel. E essa inclusão corresponde à emancipação das Nações que têm direito à igualdade com Israel, que é a raiz que sustenta as Nações: “Não te vanglories contra os ramos; e se te vanglorias, saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti” (Rm 11,18). Essa afirmação de Paulo é em si um tratado teológico fundamental sobre o relacionamento entre a Igreja e o povo judeu. Em sua carta aos romanos, Paulo elabora seus melhores ensinamentos sobre a realidade do povo judeu e dos gentios.²² Ao contrário de quase todas as outras cartas, aos romanos, Paulo não responde diretamente à pergunta ou problema levantado pela comunidade, nem comenta dados que conhecia pessoalmente.

Nova teologia de Paulo

Para o judaísmo até o período de Paulo, entendeu-se que o não-judeu poderia viver em relação ao judaísmo sem converter o judaísmo, como é o caso do estrangeiro, os temerários de Deus, mas eles não tinham o mesmo *status* que o judeu: era uma posição de tolerância ou aceitação do meio, porém não em termos iguais ou, então passando pela conversão, aos homens sendo circuncidados. Paulo propõe que o Messias veio oferecer às nações plena cidadania, com plenos direitos, associada à cidadania de Israel, sem ter que se converter a Israel, ou seja, participação nas promessas de Israel, como parte da vocação de Israel.²³ O ponto de referência da abordagem dos gentios é Israel. De fato, as Nações são participantes plenas das promessas feitas a Israel, mas elas permanecem como são. Os gentios não precisam e não devem viver a economia religiosa judaica.²⁴ E aqui está o ponto central da teologia de Paulo, quando, especialmente na Epístola aos Gálatas,²⁵ ele insiste que os gentios que receberam a fé

²² "Romanos é o relato de Paulo de como sua missão para os gentios se encaixa na missão total de Deus para com a palavra, o *Tikkun*, a reparação da criação (cf. Rm 8,18-25) e, portanto, particularmente a redenção de Israel" (STENDAHL, 1995, p. 9).

²³ Paulo diz que as nações viviam em uma situação sem Deus e sem cidadania, em contraparte Israel vive com Deus e tem sua cidadania e, agora, através de Cristo (Messias), todos recebem o direito de serem cidadãos do Reino de Deus: “lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da Promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Mas agora em Cristo Jesus, vós que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo ... Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,12-13.19).

²⁴ “Um novo caminho foi aberto para os gentios por meio de Jesus Cristo. A maneira anterior de se tornar prosélitos e observar a lei foi encerrada” (GAGER, 2000, p. 116). Isto é, Paulo propõe o *status* da cidadania de Israel às Nações sem passar pela conversão ao judaísmo.

²⁵ “A Carta aos Gálatas não foi escrita a favor, contra ou mesmo incluindo os judeus; foi escrita para gentios, sobre os gentios e contra os apóstolos dentro do movimento de Jesus” (GAGER, 2000, p. 101). Por isso a discussão interna não

em Jesus Cristo não estão sujeitos aos mandamentos dos judeus, Paulo não está dizendo nada contra o Judaísmo ou contra a lei ou contra a Torá. Ele está afirmando a vocação das Nações e sua emancipação ao lado de Israel: “lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania em Israel e estranhos às alianças da Promessa” (Ef 2,12). Os valores e obrigações de Israel permanecem válidos e normativos para Israel e, ao mesmo tempo, é estabelecida uma nova economia para as Nações, cuja realização, não estará em contradição com a prática de Israel, mas será baseada em Israel, adequada para as nações. A condição principal para ser seguidor de Jesus, segundo Paulo, é abandonar completamente o culto aos deuses. Isso é a máxima exigência, dado que no período antigo, cada povo, cidade (de onde se obtinha a cidadania),²⁶ tinha o seu deus e se vivia de acordo com costumes dos ancestrais fundados nos deuses. Romper com os deuses significava romper com sua própria história e mesmo com sua identidade;²⁷ sabemos que essa não era uma prática do judaísmo, no período de Paulo, exigir dos pagãos que frequentavam o universo religioso judaico.²⁸ Essa exigência de Paulo é o fundamento do judaísmo: o Deus Um e Único, somente a Ele prestar culto.

Por isso, quando Paulo ensina que os gentios não podem ou não devem se tornarem judeus, é, de fato, uma declaração clássica da tradição judaica que ele recebeu e está ensinando. A distinção entre povo judeu e Nações, deve ser mantida, mas Paulo, como judeu que acredita no Messias, acrescenta algo novo para entender essa dualidade: as Nações de agora em diante não precisam mudar de natureza, elas podem

pode ser entendida como relevante para a questão de Israel. As práticas para Israel são válidas para Israel e isso não está em discussão, mas a economia de Israel não deve ser aplicada às Nações.

²⁶ “Replicou-lhe Paulo: Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne” (Atos, 21,39).

²⁷ “A etnia, como a divindade, era uma categoria que abrangia o céu e a terra: deuses e seus humanos formavam grupos familiares, e os deuses costumavam fazer parte da etnia dos povos que os adoravam. Nesse aspecto, o Deus judeu não foi exceção. O que foi excepcional foram as reivindicações do Deus judeu à supremacia étnica-interligada: no final dos dias, os deuses das nações, bem como seus povos, reconheceriam apenas o Deus de Israel. O evangelho de Paulo τὰ ἔθνη (“para as nações”) é totalmente coerente com este paradigma escatológico judaico, e a identidade judaica do Deus de Paulo ilumina aspectos essenciais da linguagem de Paulo aos gentios ἀγιασμός (“separação, santificação”) e υιοθεσία (“adoção como filhos”).” (FREDRINK, 2018, p. 1-2).

²⁸ No espaço do Templo, no período de Jesus, havia uma ala que era reservada aos pagãos. Esses eram aí recebidos e continuavam a frequentar seus deuses, como é o caso de alguns *temerosos de Deus* que seguiam de perto a vida religiosa judaica: “Vivia em Cesárea um homem chamado Cornélio, centurião da corte itálica. Era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa; dava muitas esmolas ao povo judeu e orava a Deus constantemente” (Atos 10,1-2). Sendo um romano e funcionário romano, ele seguia os costumes e cultos pagãos e era aceito no convívio judaico. Ver também Lc 7,1-5.

ser associadas às promessas de Deus sem se converterem ao judaísmo, mas devem abandonar completamente a idolatria.

É por isso que a leitura de Paulo deve seguir sua lógica. Ele escreve para os gentios ou quando se refere aos judeus, é sempre em relação aos judeus que, como ele, receberam, por graça, a fé em Jesus como o Messias. Ao contrário de uma falsa interpretação sobre Paulo que supostamente negaria os valores do judaísmo, onde praticamente a vinda do Messias cancelaria toda a particularidade do judaísmo e da lei judaica, juntamente com a Torá, Paulo não está preocupado com essa realidade - para ele Israel já está confirmado por Deus. Sua preocupação não é o judaísmo do qual ele faz parte e do qual ele se sente parte, mas sua pergunta ou motivação é qual é o lugar das Nações neste novo momento? O ainda, o que muda nesse momento messiânico? O problema de Paulo não é o judaísmo como povo, pois esse é a base das promessas e revelações da Palavra de Deus e, acima de tudo, é o fundamento do plano de Deus para a humanidade.²⁹ Nada muda do ponto de vista da escolha de Deus e Sua Aliança com Israel,³⁰ porém tudo muda em relação às Nações. Como consequência da vocação de Israel de ser luz para as Nações, Paulo vê naquele momento a hora e o dever daqueles judeus a quem a fé no Messias foi revelada como portadores da Boa Nova para as Nações de forma inclusiva às promessas de Israel.

Paulo escreverá suas epístolas de acordo com as necessidades de cada comunidade, às vezes de acordo com os problemas existentes de cada uma. Como fundador dessas comunidades, ele lida com diferentes questões em diferentes situações e grupos. Geralmente são coisas práticas sobre a vida cotidiana e familiar: marido e mulher, filhos; às vezes são conflitos sociais ou a falta de coerência religiosa, como a idolatria, mas são coisas concretas de cada realidade. E ensinar para uma comunidade ou para um caso, não pretende ser uma resposta para outros temas ou lugares. O conhecimento do contexto de cada comunidade à qual Paulo dirige suas Epístolas é essencial para evitar tirar conclusões teológicas equivocadas. Não há um tema único que

²⁹ "Eles que são israelenses aos quais pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a Lei, o culto (Templo), as promessas, aos quais pertencem os Patriarcas e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que está acima de tudo, Deus bendito eternamente" (Rm 9,4-5). "Porque os dons e o chamado de Deus são sem arrependimento" (Rm 11,29).

³⁰ A Aliança é eterna e se renova a partir de seu interior (cf. Jr 31,31), por isso é sempre nova e é nova porque é eterna, não envelhece e não caduca.

se aplica a todos.³¹ Também é necessário levar em conta que são comunidades de gentios. É por isso que Paulo não está elaborando uma teologia ou mesmo se referindo a Israel, exceto quando ele precisa esclarecer algo sobre a nova realidade de seu público (Nações) para quem ele está escrevendo ou vivendo com eles. Seu esforço é, portanto, formar a consciência religiosa monoteísta e anunciar a filiação divina de todos os gentios através de Jesus Cristo como o Messias.

Segundo Paulo, a fé em Jesus como o Messias supõe o abandono absoluto da idolatria e o culto exclusivo ao Deus Único que se revela a Israel.

Paulo não inventa um ensino a partir do nada, ele se fundamenta nas Escrituras e na interpretação recebida para enfrentar a realidade das comunidades; no entanto, sua referência é sua tradição religiosa judaica (isto é, a tradição dos ancestrais). Por exemplo, quando ele instrui a comunidade de coríntio, ele apresenta os valores incondicionais de Israel: "Vós sabeis que quando éreis pagãos, éreis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos" (1 Cor 12,2);³² as duas referências permanecem na análise de Paulo: os pagãos representando o mundo da idolatria e Israel representando o Deus Um e Único.³³ Da mesma forma às comunidades de Tessalônica: "Eles mesmos

³¹ "A abordagem correta é ler a carta no contexto dos problemas práticos específicos apresentados pela sua situação. Deve-se priorizar à importância específica que tem os conceitos e regras recorrentes em qualquer contexto específico; deve-se evitar generalizações a priori de uma carta para outra" (TOMSON, 1990, p. 62).

³² Devemos ter presente que o universo antigo era povoado de deuses, cada povo com seu deus (es). Havia uma escala de valores entre o deus mais e menos importante, superior ou inferior. Como Paulo que se dirige exclusivamente aos pagãos, reconhece essa realidade existente de deuses: "Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra – e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores -, para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos" (1 Cor 8,5-6). Como também: "para os incrédulos, dos quais o deus deste mundo, obscureceu a inteligência, a fim de que não vejam brilhar a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2 Cor 4,4).

³³ Essa é a grande novidade judaica que Paulo elabora: as Nações se associam à cidadania de Israel, mas o preço é o abandono absoluto da idolatria. Que de forma lógica Paulo estabelece a maneira de viver judaica para os não judeus que permanecem não judeus, mas vivendo os princípios da tradição judaica e de acordo com as Escrituras judaicas. Na realidade Paulo está 'judaizando' as Nações. Como afirma Paula Fredriksen: "'Judaizar' normalmente indicava a assimilação total do costume ancestral judeu (isto é, o que chamamos de 'conversão') ou temor a Deus (adicionar o Deus de Israel ao panteão nativo de alguém). Paulo condena explicitamente essas duas opções. No entanto, a mensagem central de Paulo não era: 'Não circuncide!' Era, 'Não mais λατρεία (culto) aos deuses inferiores!' Ele insistiu que seus pagãos conformem seu novo comportamento precisamente aos mandamentos do culto judeu, a primeira tábua da lei: nenhum outro deus, nenhum ídolo. Além disso, ele exorta explicitamente a segunda tábua da lei sobre a comunidade de Roma (Rm 13,9-10): sem adultério, sem assassinato, sem roubo, sem cobiça: amar o próximo cumpre a segunda tábua da lei δικαιοσύνη (justiça). O evangelho de Paulo é um evangelho judaizante. Não é de se admirar: o Reino de Deus é uma mensagem judaica" (FREDRIKSEN, 2015, p. 649). Portanto, Paulo é claro, ele não promove a conversão, isto é, se tornar judeu, passando pela circuncisão, como também ele não aceita o *status* dos 'tementes a Deus' que eram aceitos no interior do judaísmo como simpatizantes ao judaísmo e não era exigido deles

contam qual acolhimento que da vossa parte tivemos, e como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Ts 1,9)³⁴ e, portanto, para todas as comunidades, Paulo transmite a tradição de Israel. O Deus que se revela a Israel e de Israel se revela às Nações, agora, através de Jesus Cristo, pela graça, emancipa a todos como seus filhos e filhas. A grandeza de Paulo está na elaboração de uma nova teologia, dentro do judaísmo, onde a chegada do Messias representa a plenitude da vocação de Israel de ser luz para as Nações, confirmado por sua missão e anúncio às Nações que estão vendo a luz.

Paulo nos permite entender a dificuldade enfrentada devido à sua elaboração teológica: Israel ainda é Israel e as Nações são Nações. Com a vinda do Messias, um é necessário para o outro e é a condição *sine qua non* para o cumprimento do plano de salvação de Deus. Essa nova visão teológica não foi compreendida por grupos de contemporâneos judeus que seguiram Jesus como o Messias,³⁵ os demais judeus que não seguiram Jesus, nunca foi a preocupação de Paulo. Seu objetivo principal foi como integrar as Nações às promessas feitas a Israel que são também em vista de toda a humanidade. Houve uma forte tendência por parte do movimento dos seguidores de Jesus de exigir que os pagãos se convertessem ao judaísmo ou de aceitá-los como prosélitos como eram até então vistos no judaísmo. Grupos judeus, no movimento dos seguidores de Jesus, não aceitaram a extensão da cidadania de Israel a todos os gentios que seguem Jesus como o Messias.

Paulo permanece judeu e fiel à sua Tradição

Aprendemos por meio dos escritos que movimentos internos acusaram Paulo de negar o judaísmo e seus valores. Algumas informações nos ensinam essa realidade interna de oposição a Paulo e, ao mesmo tempo, mostram que Paulo mantém sua

o abandono da tradição pagã, juntamente com o culto aos deuses. Paulo prega a permanência de condição, mas o abandono total da idolatria e um comportamento segundo os mandamentos de Deus.

³⁴ Como podemos ver há uma mudança radical de comportamento, deixam os deuses para seguir somente o Deus de Israel, porém eles permanecem Nações.

³⁵ O capítulo 15 de Atos informa sobre a questão, por parte de um grupo, da exigência da circuncisão para aqueles que quisessem fazer parte da comunidade. Paulo se posiciona do lado oposto. Parece que sua afirmação em Gl 2,3 ensina que seu argumento recebeu apoio entre judeus representantes da comunidade dos seguidores de Jesus: "Ora, nem Tito, que estava comigo, e que era grego, foi obrigado a circuncidar-se".

fidelidade ao judaísmo, contudo introduzindo o *hidush* (novo) à luz da fé no Messias. A Epístola aos Gálatas,³⁶ onde os judeus que seguiram Jesus ensinaram os gentios, membros da comunidade da Galácia, a se circuncidarem e observarem os mandamentos exigidos pelos judeus, destaca a oposição, mas outros fatos também ilustram isso. No livro de Atos, temos um relatório no qual Lucas³⁷ mostra a questão levantada:

Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria ... e foram informados que ensina todos os judeus entre os Gentios que se afastam de Moisés, dizendo-lhes para não circuncidar seus filhos ou observar as tradições ... Portanto, faça o que lhe dissermos: Temos quatro homens que fizeram um voto; tomá-los e purificar-se junto com eles, e paga suas despesas para raspar a cabeça; e todos saberão que não há verdade sobre o que foi dito sobre você, mas que você também vive de maneira ordeira, obedecendo à lei ... Então Paulo levou os homens com ele, e no dia seguinte, purificando-se com eles, Ele foi ao templo notificando o fim dos dias de purificação, até que o sacrifício foi oferecido para cada um deles. (Atos 21,15-25)³⁸

Na Epístola aos Romanos, Paulo apresenta um cenário conclusivo de sua ação e do relacionamento com suas comunidades fundadas:

Em virtude de sinais e prodígios, em virtude do Espírito de Deus, tanto é que, de Jerusalém e de todas as direções, até a Líria tenho anunciado o Evangelho de Cristo; portanto, tendo como ponto de honra, não anunciar o Evangelho, se não onde o nome

³⁶ A Epístola que Paulo endereça à região da Galácia será assunto para um estudo ulterior. O argumento de Paulo para os pagãos será sempre a prática dos valores judaicos, mas se mantendo incircuncisos, dado que a circuncisão é somente para os judeus e em Jesus as Nações são adotadas como filhos e filhas de Deus: “Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual chamamos Abba!” (Rm 8,15). Os gentios (pagãos) adultos que se circuncidassem, estariam violando a Lei da circuncisão que ordenava que o rito deve-se passar no oitavo dia da criança (judia) do sexo masculino (cf. Gn 17,14). Paulo é claro sobre sua circuncisão e sobre o oitavo dia, ao se auto definir: “circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel” (Fl 3,5).

³⁷ Vale a pena levar em conta a coerência de Lucas em Atos. Paulo, praticamente, é o personagem principal do livro; Lucas tem o cuidado sempre de apresentar Paulo fiel ao seu povo e à sua tradição: “Meus irmãos, embora nada tenha feito contra nosso povo, nem contra os costumes dos nossos pais, desde Jerusalém vim preso e como tal fui entregue às mãos dos romanos... Eles disseram-lhe: Quanto a nós, não recebemos a teu respeito carta alguma da Judéia, e nenhum dos irmãos que aqui chegaram comunicou ou relatou algo de mal acerca de ti” (Atos 28,17.21).

³⁸ Entre muitos outros exemplos, também mencionamos o caso da circuncisão feita a Timóteo, que era judeu e, por essa razão, Paulo o circuncidou; por outro lado, Tito não foi circuncidado porque não é judeu. Paulo mantém as duas realidades: “Ele veio a Derbe e Listra e eis que havia um certo discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego. Ele prestou um bom testemunho entre os irmãos de Listra e Icônio. Paulo queria que ele fosse com ele, e o circuncidou por causa dos judeus que estavam naqueles lugares, porque todos sabiam que seu pai era grego” (Atos 16,1-3); “Subi, comovido por uma revelação, e expus aos notáveis o principio do evangelho que proclamo entre os gentios para ver se corria ou se havia corrido em vão. Bem, nem Tito que estava comigo, sendo grego, não foi obrigado a ser circuncidado” (Gl 2,1-3).

de Cristo ainda não era conhecido, para não se anunciar em fundações já estabelecidas por outros. Mas agora, não tenho mais campo de ação nessas regiões e desejo há muitos anos sinceramente ir até vocês, quando me dirigir à Espanha. Então, assim que esse assunto estiver concluído, e o fruto da coleta for oficialmente entregue, irei para a Espanha, passando por vocês. (Rm 15,14-28. Seria melhor ler todo o contexto)

Parece que Paulo não quer mais estar nessa região e não vê mais espaço para seu trabalho. Por um lado, ele não possui um novo campo de trabalho e não quer trabalhar onde outros já começaram. É possível que Paulo não se sinta mais necessário em suas comunidades, mas também podemos entender que os pontos de divergência em sua teologia se tornaram mais pronunciados. Todavia, todos os escritos de Paulo, bem como sua obra, mostram que ele é um homem de ação, sua vocação e missão são avançar, criar comunidades e deixar que outros continuem. De qualquer forma, permanece a principal convicção de Paulo de que sua vocação é a vocação de Israel: ser luz para as Nações. O tempo messiânico urge e é o momento de ir para as Nações.³⁹ A salvação deve chegar a todos e a plenitude de Israel depende do reconhecimento das Nações de Deus que se revelara a Israel. Passar por Roma, que era o centro do mundo naquela época e ir para a Espanha, era uma maneira de conquistar o mundo inteiro, com isso Paulo poderia dizer que a salvação havia chegado ao fim do mundo onde ele seria o mensageiro.

É isso que aprendemos da primeira parte Rm 15,8-12. Podemos ver que Paulo baseia seu discurso nos textos das Escrituras e todos os textos estão relacionados às Nações: o Deus de Israel é reconhecido por todas as Nações e as Nações o celebram como o Deus Único. O foco está sempre nas Nações, mas a referência é Israel:

Digo a vós que Cristo se tornou servo dos judeus para demonstrar a fidelidade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos patriarcas e para os gentios glorificarem a Deus por

³⁹ Paulo estava seguro de conhecer a hora de Deus, a momento da manifestação final de Deus estava muito próximo, ele já o presentia, era preciso avançar o anúncio: “No momento favorável, eu te ouvi, no dia da salvação, eu te socorri. É agora o momento favorável, é agora o dia da salvação” (2 Cor 6,2). “Sabeis em que momento estamos: já é hora de despertades do sono. Agora, a salvação está mais perto de nós do que quando nos tornamos convencidos. A noite está quase passando, o dia se aproxima. Portanto, abandonemos as obras das trevas e vistamos as armas da luz” (Rm 13,11-12).

sua compaixão, como está escrito: 'Por isso te louvarei entre as nações; Cantarei salmos em teu nome'. (Rm 15,8-9)

Em outra passagem, diz: "Alegrai-vos, nações, com o povo de Deus" (Dt 32,43). E em outro lugar: "Louvem o Senhor, todas as nações! Todos os povos, cantem louvores!" (Sl 117,1). Por sua vez, Isaías afirma: "A raiz de Jessé brotará, aquele que se levantará para governar as nações; nele os povos depositam a sua esperança" (Rm 15,12).⁴⁰ Paulo se vê pessoalmente na descrição dos textos que Israel está alcançando todas as nações. E ele está concretizando a vocação messiânica profética, anunciando às nações que o Messias de Israel veio. Mas isso ele faz como judeu e a partir de Israel. Como afirma Stowers: "Paulo é um judeu que realizou seu chamado aos gentios para ajudar seu próprio povo" (1994, p. 329).

Abraão como o paradigma da inclusão das nações

Paulo realmente lê toda a perspectiva da história da salvação e sua teologia tem raízes profundas no relato da figura de Abraão. Deus tem um relacionamento universal e um relacionamento particular com Abraão. Seu chamado aconteceu quando ele fazia parte das Nações e o povo escolhido nasceu dele. Primeiro, Abraão responde ao chamado de Deus na situação em que ele estava. Abraão creu na Palavra de Deus e respondeu positivamente, sem hesitar. Até então, ele era um idólatra como todos os outros povos e a palavra de Deus não havia sido revelada; portanto, não havia mandamentos a serem seguidos:

O Senhor disse a Abrão: Deixe tua terra, tua parentela e a casa de teu pai e vá para a terra que eu te mostrarei. 'Farei de ti uma grande nação e te abençoarei; eu farei teu nome famoso, e serás uma bênção. Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem; Através de ti, todas as famílias da terra serão abençoadas! Abrão partiu, exatamente como o Senhor lhe ordenara, e deixou seu país, sua terra, sua família...⁴¹

⁴⁰ Para uma melhor visualização das fontes, introduzi as referências bíblicas usadas por Paulo.

⁴¹ Gn 12,1-4. Apenas alguns capítulos depois, a circuncisão de Abraão é descrita (cap. 17,24) e no próximo capítulo é anunciado que ele constituirá um povo de seu filho Isaac, que nascerá.

Essa atitude-resposta de Abraão ocorre antes de sua circuncisão. Assim, a fé de Abraão se manifesta antes da circuncisão e, é claro, antes dos mandamentos.

A partir da circuncisão, Abraão constituirá um povo, o povo de Israel a quem Deus se revela, faz uma aliança eterna com ele, revela sua Palavra e estabelece seus mandamentos. A constituição do povo de Israel com a Palavra revelada e a obrigação de guardar os mandamentos é uma realidade particular entre Deus e o povo de Israel, saído de Abraão. Essa realidade específica visa ser testemunho de Deus no mundo, de modo que, através da prática dos mandamentos, as nações reconheçam Deus que se revela a Israel, como o único Deus. Portanto, Deus constitui o particular em vista do universal: povo de Israel e Nações. Na escolha de Israel como seu povo particular (עם סגולה), Deus escolhe todas as Nações. Abraão representa a fé diante da Palavra revelada e a Palavra que gera salvação, toma forma no povo nascido de Abraão.

É por isso que o momento em que Abraão creu em Deus, antes da circuncisão, continua sendo o paradigma de Paulo como uma maneira de viver a fé antes da circuncisão. Desse modo, através de Jesus como o Messias, as nações, pela graça, recebem a fé de Abraão e os princípios para viver essa fé são baseados nos valores vividos pelo povo de Israel ao longo de sua história, observando a Palavra de Deus e seus mandamentos. O que é único em Israel permanece com ele, como “a glória, as alianças, a lei, o culto (Templo), as promessas, aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é acima de tudo, Deus bendito pelos séculos” (Rm 9,4-5). Para as nações está reservada a prática da Palavra de Deus, seguindo o exemplo da prática de Jesus-Homem-Judeu que se revela, Deus para as Nações.

Deus é também o Deus dos gentios

Os elementos que fazem de Israel um povo particular não são destinados às Nações. Ao mesmo tempo, Israel não se exime de sua responsabilidade de cumprir os mandamentos estabelecidos como condição para ser testemunha entre as Nações. As

duas realidades: o povo de Israel e as Nações, em Jesus como o Messias esperado, interagem e se completam. Abraão, que acreditou antes da circuncisão em vista da formação de um povo em Deus para viver sua Palavra, assume sua plenitude quando as Nações reconhecem em Jesus o Deus que se revelou a Israel. Paulo, portanto, elabora a teologia da inclusão, mantendo o princípio de que Deus é o Criador da *unidiversidade*. Os dois textos que seguem mostram a profunda relação entre o povo de Israel e as Nações na plenitude do plano de Deus e, ao mesmo tempo, segundo Paulo, os dois permanecem com suas peculiaridades identitárias:

Onde, então, está o motivo de glória? Está excluído. Por qual princípio? Pela observância da lei? Não, mas pela fé. Porque sustentamos que todos somos justificados pela fé, e não pelas obras da lei. Ou acaso Ele é Deus só dos judeus?⁴² Não é também para dos gentios? Sim, ele também é o Deus dos gentios, uma vez que existe apenas um único Deus. Ele justificará os circuncisos (*ἐχ πίστεως*) fora da fé e os incircuncisos (*διὰ της πίστεως*), pela da fé. Isso significa que anulamos a lei com a fé? De maneira nenhuma! Pelo contrario, a consolidamos. (Rm 3,28-31)⁴³

Paulo se dirige aos gentios estabelecendo a diferença prática de identidade diante dos judeus. Supõe que, por um lado, os judeus sejam justificados ao observar os mandamentos e, por outro lado, os mandamentos não foram dados aos gentios e, portanto, não estão sujeitos a eles.

De fato, Paulo afirma que, em princípio, Deus justifica os judeus através das obras que a lei exige. Seu discurso é lógico e conjugam os dois polos: se os gentios não estão sujeitos a prática estrita da Lei, como eles serão justificados diante de Deus? “Deus é unicamente o Deus dos judeus?” Isto é, para os judeus é seguro, mas agora, como deve

⁴² Paulo se dirige unicamente aos gentios e a resposta somente a eles concerne. Sua pergunta retórica informa a estabilidade de Israel em relação a Deus. Seu argumento é como introduzir os gentios que não seguem e não são chamados a seguir a economia do povo judeu.

⁴³ Paulo deixa claro que as obras da Lei estão diretamente vinculadas ao povo de Israel e a Deus, mas se as obras da Lei são somente para o povo Judeu e os pagãos não estão chamados a cumprirem as obras da Lei, o Deus que se revela a Israel seria um Deus exclusivo. Por isso Paulo introduz o modelo de Abraão, antes da circuncisão (antes da Lei) que creu em Deus, no único Deus, pois não há outro. O acontecimento Jesus dá vida a essa realidade não existente representada pelas Nações que é possível seguir o mesmo Deus à maneira de Abraão, antes da circuncisão. O Deus dos Judeus é uma realidade segura e as obras da Lei para os judeus também o são, no entanto, agora há uma nova realidade querida por Deus que é destinada às Nações, não passando pela prática exigida aos judeus, pois Deus é o Deus de todos.

ser para os gentios? A resposta é a afirmação absoluta do judaísmo: Deus é Um e Único, “Sim, Ele é também o Deus dos gentios”. Deus justifica o judeu à sua maneira e os gentios à sua maneira. Aos judeus pelas obras da lei, isto é, os mandamentos específicos para os judeus e aos gentios pela fé. A questão é, a que fé Paulo está se referindo? Aqui ele não entende a fé em Jesus Cristo, mas a fé de Abraão. Abraão creu antes das obras da Lei, isto é, antes de sua circuncisão. E Paulo conclui que os judeus não são justificados à maneira de Abraão, antes da circuncisão, enquanto os gentios estão associados à atitude de Abraão que creu sem passar pela circuncisão: “Ele justificará os circuncidados (*ἐχ πιστεως*) fora da fé⁴⁴ e os incircuncisos (*διὰ της πιστεως*), através da fé”. Isso não anula a Lei. “Isso significa que anulamos a lei com fé?” Segundo Paulo, se o propósito da lei é fazer as Nações reconhecerem o Deus que se revela a Israel e agora os gentios O reconhecem e O servem, a lei assume sua plenitude. “De maneira nenhuma! Pelo contrario, a consolidamos”!

Então, Paulo conclui seu ensinamento sobre o lugar do povo judeu na história da salvação e sua permanência na história após a vinda do Messias por outro lado promove a integração dos gentios nas promessas de Deus à humanidade às quais os judeus são os portadores. Praticamente Paulo fala de uma nova criação se referindo às Nações com a chegada do Messias.

A permanência das Nações depende da fidelidade na fé de Abraão: servir a Deus sem passar pela circuncisão e sem os mandamentos específicos reservados os judeus. Cada um em seu estado existencial depende do outro, porque a salvação é para todos. Concretamente, segundo Paulo, Deus retardou, momentaneamente, a salvação de Israel para esperar as Nações; os dois devem chegar juntos na linha de chegada. A suspensão do ritmo na caminhada de Israel,⁴⁵ querida por Deus, reverte em salvação para as Nações: “o endurecimento atingiu uma parte de Israel *το πλήρωνα των εθνών* – até que chegue a plenitude das Nações – e depois, com a chegada das Nações: *πας*

⁴⁴ Paulo usa duas expressões para fazer a diferença e, normalmente, as traduções não diferenciam entre *ἐχ* e *διὰ*. De acordo com o contexto e de acordo com a lógica de Paulo, essas expressões fazem a diferença entre os meios pelos quais o circunciso e o incircunciso são justificados. Cf. Gager, J.G., e a tradução proposta por Stendahl, 37.

⁴⁵ “Então, eu pergunto: teriam eles cambaleado para cair? De modo algum! Mas da sua tropicada resultou a salvação dos gentios, para lhes excitar o ciúme. E se a sua tropicada reverte em riqueza para o mundo e o seu esvaziamento em riqueza para os gentios, quanto maior fruto não dará a sua plenitude!” (Rm 11,11). Israel não cai, como normalmente e erroneamente se quer ensinar. Paulo é categórico em afirmar que Israel não cai. Ele cria uma imagem de movimento e que, provisoriamente, é retardado, mas de forma alguma está indicado alteração na finalidade do movimento. Apenas há necessidade de diminuir o ritmo para ajudar o outro, no caso, as Nações são beneficiadas.

Ἰσραήλ σωθησεται – “Todo Israel será salvo” (Rm 11,25-26). Essa plenitude (Nações e Israel) significa as 70 famílias ou povos originados de Noé (cf. Gn 10), somados às 12 tribos de Israel. Portanto, um salva o outro.⁴⁶ A realização dos dois está interconectada, eles se completam e se salvam juntos:

Por conseguinte a herança vem pela fé, para que seja gratuita e para que a promessa fique garantida a toda a descendência, não só a descendência segundo a Lei,⁴⁷ mas também à descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós, conforme está escrito: Eu te constituí pai de muitos povos – nosso pai em face de Deus em quem creu, o qual faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem. (Rm 4,16-17).⁴⁸

As nações (os gentios) que estavam sem Deus, portanto, sem vida, passaram a existir junto com Israel, tornando-se filhos e filhas de Abraão unidos pela mesma fé.⁴⁹

O povo judeu e o povo cristão formam o povo de Deus

Paulo entende que, com a vinda do Messias, Deus introduziu algo novo na história. E isso continua sendo um mistério que não cabe ao ser humano explicar: “Oh, profundidade das riquezas e da sabedoria e conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11,33). Antes havia uma realidade com Deus e outra sem Deus. Essa nova realidade criada não suprime a anterior que vivia com Deus, representada pela prática da Palavra e seus mandamentos e

⁴⁶ “Nesse ponto, vemos como Paulo vinculou sua própria missão gentílica ao destino divinamente garantido de Israel. Ao trabalhar para liberar os pagãos de seus deuses e vincula-los ao seu Deus, Paulo também trabalhou, sob a proteção de promessas bíblicas, pela redenção de seu próprio povo” (FREDRINKSEN, 2017, p. 166).

⁴⁷ Mais uma vez Paulo confirma que os segundo a Lei (judeus) que não estão em discussão no caso, eles estão assegurados. A questão é por qual via os que não estão sujeitos a Lei (Nações) são justificados? E podemos ver na sequência que a questão é segundo a fé de Abraão que se realiza, inaugurada por Jesus Cristo.

⁴⁸ A descendência segundo a Lei está assegurada por Deus, mas como Deus é Um, às Nações estão asseguradas à maneira da fé de Abraão, antes da circuncisão. São dois comportamentos identificados em Paulo: segundo a Lei (povo judeu) e segundo a fé de Abraão (Nações).

⁴⁹ Vale a pena a leitura de: Ishay Rosen-Zvi, “*Pauline Traditions and the Rabbis: Three Case Studies*”. O autor trabalha a originalidade de Paulo em criar esse modelo de tornar-se filho de Abraão e participar de sua herança, sem tornar-se judeu e sem seguir a economia judaica. Segundo o autor, sob esse aspecto, Paulo faz eco a tradições judaicas anteriores a ele, e verifica-se que posteriormente, encontra-se na literatura rabinica reações contrárias a seu sistema teológico.

assegurada por Deus pela Aliança eterna: “Porque os dons e o chamado de Deus são sem irrevocáveis” (Rm 11,29). O novo significa a redenção da humanidade que viveu sem Deus (chama à existência as coisas que não existem) e quem agora, através de Jesus Cristo-Messias, reconhece o Deus que se revelou a Israel para servi-Lo. Portanto, há uma inclusão total da humanidade baseada na Palavra de Deus revelada a Israel e onde Jesus é revelado ao mundo. Cada um serve a Deus em sua própria condição criada por Deus, filhos e filhas iguais: aos judeus de acordo com os mandamentos que são fontes de graça e as Nações, de acordo com a graça, são fundamentadas na fé de Abraão. Dirigindo-se aos gentios afirma Paulo: “Com efeito, não recebestes um espírito de filhos de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba!” (Rm 8,15). Falando aos gentios, portanto, em grego, Paulo faz entender que os novos filhos chamam Deus sob o apelativo *Abba*, dirigindo-se ao Deus de Israel através de seu nome judaico.⁵⁰

Acredito que essa visão de Paulo, que marcou os primeiros passos dos seguidores de Jesus e que mais tarde estruturou as comunidades (*ecclesia-synagogæ*) nos primeiros séculos, foi progressivamente menos compreendida. Ao longo da história, Paulo foi reinterpretado no meio de uma cultura que não levou em conta seu contexto e a tradição religiosa judaica. Após o Concílio Vaticano II, através de seus ensinamentos, a Igreja lembra-se de sua história e faz um esforço para redescobrir suas raízes judaicas. É um trabalho e maneira de ser cristão que estão em marcha.

A reflexão apresentada quer contribuir para o avanço do ensino da Igreja que urge, em certos aspectos, uma mudança radical de seu fazer teologia. Cito aqui as palavras do Cardeal Kurt Koch, que hoje se tornaram normativas ao fazer teologia na Igreja e que confirmam esta nova leitura de Paulo:

Nas últimas décadas, o ‘diálogo *ad extra*’ como o ‘diálogo *ad intra*’ conduziram com clareza crescente a compreensão de que cristãos e judeus dependem um do outro e que o diálogo entre eles, para a teologia, não é uma questão de escolha, mas uma obrigação ... Só posso me associar ao cardeal Walter Kasper, na

⁵⁰ A origem da palavra é aramaica, mas passou a fazer parte do uso cotidiano em hebraico. Portanto, Paulo não está, com isso, criando algo novo que não era familiar no contexto judaico, como comumente se ensinou sobre essa expressão, ao contrário, ele está introduzindo um conceito familiar judaico de se relacionar com Deus, para os de fala grega. Para um melhor aprofundamento, ver Fredricksen, P., *Paul the Pagans’ Apostle*.

esperança de que eles reconheçam que ‘separar o judaísmo do cristianismo’ significa ‘privá-lo de sua universalidade’, prometido a Abraão. Mas com relação à igreja cristã, não há dúvida de que, sem o judaísmo, a Igreja corre o risco de perder seu lugar na história da salvação e, finalmente, perder-se em uma gnose contrária à história ... Judeus e cristãos, como o único povo de Deus, são testemunhas de paz e reconciliação no mundo de hoje não reconciliado e podem ser uma bênção, não apenas entre si, mas também para toda a humanidade. (KOCH, 2012)

REFERÊNCIAS

- BARRET, C.K., *Essays on Paul*, Westminster Press, 1982
- BENSAHEL, J-F., *Affronter le monde nouveau. Épître à Paul et à nos contemporains*, Odile Jacob, 2019.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, Edições Paulinas, nova edição, 1985.
- BOYARIN, D., *The Jewish Gospels - The Story of the Jewish Christ*, The New Press, 2012.
- _____, *A Radical Jew, Paul and the Politics of Identity*, University of California Press, 1997.
- DUNN, J. D. G., *Paul and the Mosaic Law*, W.B. Eerdmans, 2001.
- _____, *The Theology of Paul the Apostle*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998.
- EISENBAUM, P., *Paul was not a Christian. The Original message of a misunderstood Apostle*, Harpens Collins, 2009
- FREDRIKSEN, Paula, “Why Should a ‘Law-Free’ Mission Mean a ‘Law-Free’ Apostle?”, *JBL* 134, nº3 (2015), 649.
- _____, “How Jewish Is God? Divine Ethnicity in Paul’s Theology”, *JBL* 137, no. 1 (2018): 193–212.
- _____, *Paul the Pagans’ Apostle*, Yale University, Press, 2017
- GAGER, J.G., *Reinventing Paul*, Oxford University Press, 2000.
- _____, J.G., *Who Made Early Christianity. The Jewish Lives of the Apostle Paul*, Columbia University Press, 2017.
- GASTON, L., *Paul and the Torah*, Vancouver, 1987
- HAYS, R.B., *The Conversion of the Imagination: Paul as Interpreter of Israel's Scripture*, W.B. Eerdmans, 2005
- KOCH, Kurt, conferência na Universidade Pontifícia de Santo Tomás de Aquino, Roma, 16 de maio de 2012, em: <http://www.zenit.org/151> (26.10.12).
- LAPIDE, Pinchas; STUHKMACHER, Peter, *Paul: Rabbi and Apostle*, Minneapolis, 1984.
- NANOS M.D. and ZETTERHOLM, M., *Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle*, Fortress Press, 2015
- NANOS, M.D., “Paul - Why Bother? A Jewish Perspective”, *STK*, 4, 2019, 271-87.
- _____, “A Torah-Observant Paul?: What Difference Could it Make for Christian/Jewish Relations Today?”, (Annual Presentation to the Christian Scholars Group on Christian-Jewish Relations, sponsored by the Center for Christian-Jewish

- Learning at Boston College, June 4-6, 2005). <https://marknanos.com/wp-content/uploads/2019/11/Boston-Torah-Obs-Nanos-5-9-05.pdf>.
- OPHIR, Edy; ROZEN-ZVI, Yshai, "Paul and the Invention of the Gentiles", in: *The Jewish Quarterly Review*, Vol. 105, Nº 1, 2015, 1-41.
- PAGELS, E., *Revelations: Visions, Prophecy, and Politics in the Book of Revelation*, Viking Penguin Group, 2012.
- SANDERS, E.P., *Paul: The Apostle's Life, Letters, and Thought*, Fortress Press, 2015.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã*, 2001.
- RATZINGER, Joseph - Benoît XVI, *Jésus de Nazareth - 1. Du Baptême dans le Jourdain à la Transfiguration*, Flammarion, 2007, 293.
- RIESNER, R., *Paul's Early Period. Chronology, Mission Strategy, Theology*, W.B. Eerdmans, 1998.
- ROSEN-ZVI, Ishay, "Pauline Traditions and the Rabbis: Three Case Studies", *Harvard Theological Review (HTR)* 110:2 (2017) 169–194.
- SANDERS, E. P., *Jesus, Paul, and the Gospels*. Grand Rapids, W.B. Eerdmans, 2011.
- SCHOEPS, H. J., *Paul. The Theology of the Apostle in the Light of Jewish Religious History*, Philadelphia, 1961.
- SEGAL, A.F., *Paul the Convert: the Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*, Yale University Press, 1990.
- STENDAHL, K., *Final Account - Paul's Letter to the Romans*, Fortress Press, 1995.
- _____, *Paul Among Jews and Gentiles*, Fortress Press, 1976.
- STOWERS, S.K., *A Rereading of Romans. Justice, Jews, and Gentiles*, New Haven, 1994.
- THIESSEN, M., *Paul and the Gentile Problem*, Oxford University Press, 2016.
- TOMSON, P.J., *Paul and the Jewish Law: Halakha in the Letters of the Apostle to the Gentiles*, Van Gorcum, Assen/Maastricht Fortress Press, 1990.
- WILLITTS, J., BIRD, M., eds. *Paul and the Gospels: Christologies, Conflicts, and Convergences (LNTS 411)*, T & T Clark, 2011.
- WRIGHT, N.T., *Paul and his recent interprets*, Fortress Press, 2015.
- ZETTERHOLM, *Approaches To Paul: A Student's Guide to Recent Scholarship*, Fortress Press, 2009.